

SÃO PEDRO: A Maior Igreja da Terra

Meca dos católicos, legado magnífico da Renascença italiana, este edifício colossal ainda é cheio de vida e mutação

GORDON GASKILL

RAFFAEL OSTUN



Panorâmica de Roma, vista de São Pedro, a maior Igreja da Terra. A sua construção foi iniciada no século XVI, sendo Papa Júlio II. Estende-se sobre 40.000 metros quadrados e recebe mais de 10 milhões de visitantes todos os anos

VOCÊ entra na mais nobre *piazza* de Roma, mergulha no abraço de uma poderosa colunata dupla e sente talvez os borrifos dos dois grandes repuxos que vão alto à luz do sol. Sobe os degraus amplos e suaves, atravessa o pórtico sombrio e entra em São Pedro. É muito provável que pare logo, vagamente desapontado, pensando: «Ora, afinal de contas, não é tão grande assim!»

Começa então a andar de novo.

Aqueles querubins alegres segurando as pias de água benta parecem delicadamente pequenos... até chegar perto e descobrir que são maiores que você. Aquele pombo es-

culpido lá ao longe é realmente do tamanho de um peru, pelo menos. Aquela escultura de santo tem três vezes a sua altura; a pena na mão de S. Mateus tem quase dois metros de comprimento.

De repente, você se dá conta: tudo aqui é de fato imenso, mas numa proporção tão perfeita que uma espécie de ilusão de ótica fez você pensar que fosse relativamente pequeno. Esta é realmente a maior, e muito maior que todas as igrejas cristãs da Terra.

Frases em bronze com explicações em latim estão incrustadas no piso de mármore da nave, para mostrar como algumas outras grandes igrejas do mundo são menores

que São Pedro, que tem cerca de 200 metros de comprimento. Ainda que pareça fantástico, a segunda maior, St. Paul, em Londres (157 metros), quase caberia transversalmente nos transeptos norte-sul de S. Pedro.

Com sua sacristia e pórtico, São Pedro abrange cerca de 40.000 metros quadrados, o suficiente para seis campos de futebol.

O Altar-Mor assenta diretamente sobre o túmulo de São Pedro. Normalmente, apenas o Papa celebra missa nesse altar, abrigado por um baldaquino de bronze com 29 metros de altura, obra de Gian Lorenzo Bernini



Não contando com as centenas do lado de fora, São Pedro tem 499 grandes colunas *internas*, além de 439 estátuas enormes e mais de 40 altares, inclusive o Altar-Mor, onde normalmente só o próprio Papa pode celebrar missa.

Possui 10 cúpulas além da Cúpula, a grande bolha de pedra que parece flutuar nas nuvens. A ponta da cruz reluzente que a encima tem a altura de um prédio de 35 andares. Este último grande projeto de Michelangelo parece leve e etéreo, mas matemáticos calcularam seu peso em cerca de 50 milhões de quilos.

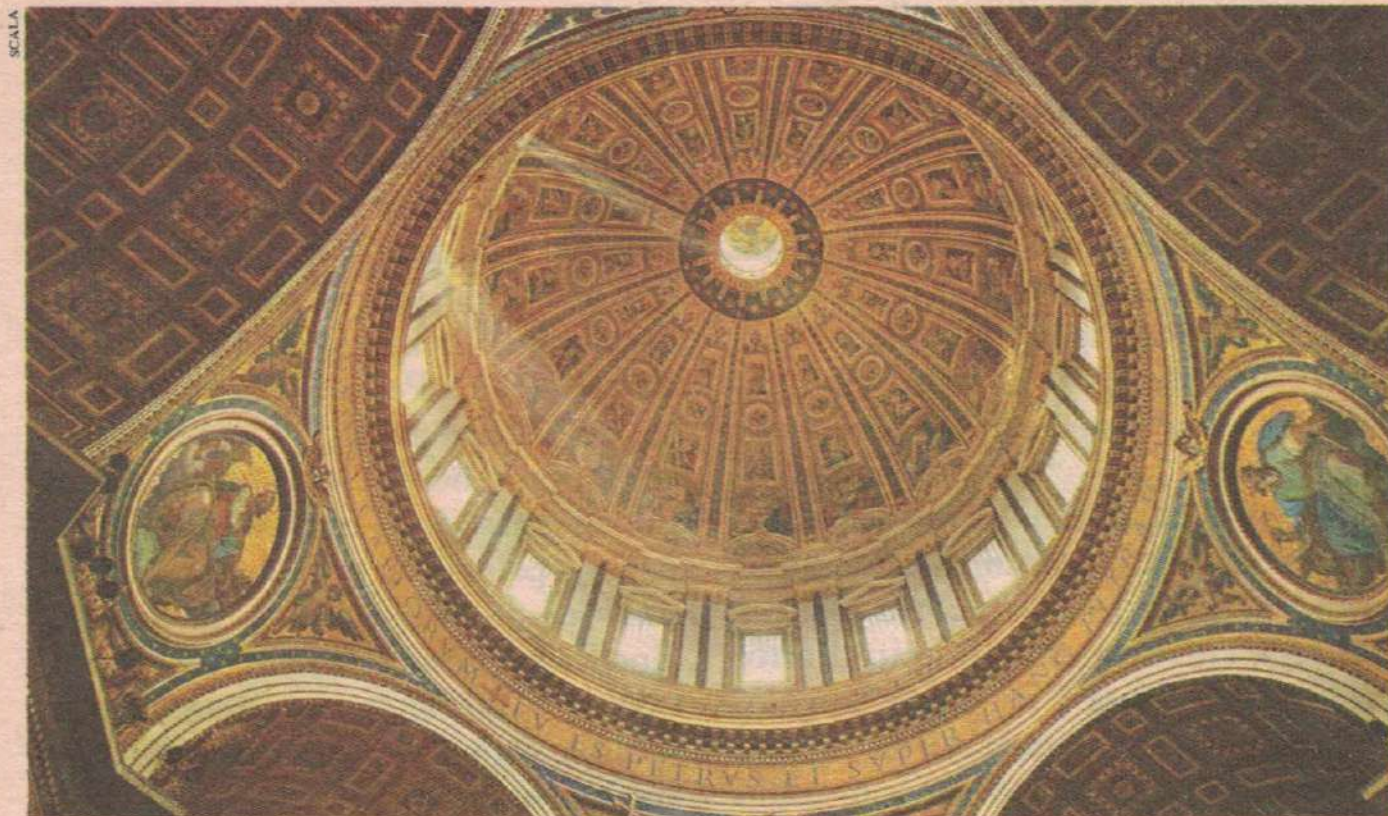
Alguns romanos ainda a chamam de a «nova» basílica, porque, até 1506, outra grande igreja, também chamada São Pedro, se erguia neste local. Fora construída pelo primeiro imperador cristão, Constantino, consagrada em 326 a.D., venerada durante quase 1200 anos — até o Papa Júlio II chocar toda a cristandade ordenando a sua completa demolição, para dar lugar a uma basílica inteiramente nova. Só este local, e nenhum outro, serviria. Por uma tradição quase tão velha quanto o próprio cristianismo, este é o lugar exato em que São Pedro foi enterrado, depois de ter sido crucificado por ordem de Nero.

A primeira pedra da nova basílica foi assentada em 1506. O trabalho continuou por 120 anos, sob 20 papas, orientado por alguns dos maiores gênios da Itália: Bramante, Michelangelo, Maderno, Bernini. Nenhuma outra igreja

custou tão caro — cerca de 300 milhões de dólares, segundo alguns cálculos, umas 16 vezes mais que a St. Paul em Londres.

Nenhuma outra igreja na Terra atrai tanta gente, pelo menos 10 milhões por ano. Para os católicos romanos, que perfazem perto de um sexto da população do mundo, São Pedro é o mais poderoso dos ímãs. Uma australiana me disse que tinha economizado durante 15 anos para vir ver esta igreja, acrescentando, de olhos brilhantes: «E valeu cada tostão!» Não só os católicos vão vê-la, é claro. Mesmo que um visitante esteja em Roma por algumas atropeladas horas, insiste sempre em ver pelo menos duas coisas: o Coliseu e São Pedro.

«Imutável como São Pedro», gostam de dizer os romanos, mas quando eu o mencionei para um calmo e competente engenheiro-arquiteto, Francesco Vacchini, ele sorriu e balançou a cabeça: «Estão enganados!» Hoje com quase 60 anos, Vacchini é, desde 1943, o diretor técnico de conservação, consertos, construções e reconstruções da basílica e usa o saboroso e antigo título de «Feitor Geral do Venerável Edifício de São Pedro». É também chefe de uma equipe singular de operários, os *Sampietrini*, que há quase 400 anos, geralmente com filhos seguindo os pais ao longo de gerações, vem mantendo perfeita a grande igreja. «São Pedro não é uma coisa morta como o Coliseu», diz



Cúpula de mosaicos dourados executada por Michelangelo sobre a nave central. Tem uma inscrição em latim: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja e a ti darei as chaves do Reino do Céu.»

Vacchini. «É um organismo vivo e muda todos os dias.» Ele enumerou algumas das tarefas que mantêm seus 50 homens eternamente ocupados: consertar uma antiga porta de carvalho, restaurar um santo de pedra, substituir mosaicos de mármore no piso, nova fiação elétrica, fechaduras novas...

São Pedro se altera também de outras maneiras mais sutis, como fiquei sabendo depois de passar lá um dia inteiro, do momento em que os grandes portões de ferro se abrem de manhã cedo até se fecharem à noite. Foi num domingo de inverno, com Roma ainda às escuras, que entrei na igreja às sete

da manhã. São Pedro estava quase vazia, mas ecoava com um murmúrio leve: as vozes de missas em muitos altares. Muitos eram padres estrangeiros, que consideram uma grande honra celebrar missa em São Pedro durante suas visitas.

Logo depois das nove da manhã começou o verdadeiro fluxo de turistas. Fiquei no pórtico observando os visitantes entrando, e logo notei uma enorme mudança desde que vim aqui a minha primeira vez, em 1946. Então, nenhuma mulher sonharia em entrar em São Pedro sem meias, mangas compridas e qualquer coisa cobrindo a cabeça, ainda que fosse um lenço. Mas

agora! A metade das mulheres que tinham permissão de entrar teriam sido barradas então por estarem indecentemente vestidas. «Tentamos ser tão razoáveis quanto possível», disse-me Vacchini. «Esta deve ser uma igreja de braços abertos, não uma igreja proibida. Mas é uma igreja, não um circo ou um museu, e às vezes as pessoas esquecem isso.»

Acompanhei um grupo de católicos quando entraram e que, como todo o mundo, se voltou para a direita, ficando em silêncio diante da grande Pietà*, de Michelangelo, a mais famosa estátua da igreja, mostrando Maria com seu filho morto. Logo estávamos à volta de outra estátua famosa, a rígida figura de bronze de São Pedro, e notei mais uma grande mudança. Durante longos séculos, católicos devotos tinham beijado o pé direito saliente da estátua, em tão grande número que o pé está gasto pela metade. Agora quase ninguém o fazia. Perguntei a um *Sampietrino* a respeito disto, e ele riu: «Micróbios. As pessoas hoje acham que é anti-higiênico.»

Continuando pela nave, todos os olhos foram atraídos para o enorme baldaquino de bronze que Bernini erigiu sobre o Altar-Mor, com

quatro sólidas colunas em espiral, elevando-se a 29 metros de altura, pesando 93 toneladas ao todo, 60.000 quilos de bronze. O deslumbrante baldaquino quase ofusca o que ele deveria exaltar: o Altar-Mor, que fica acima de três altares anteriores, exatamente sobre o túmulo tradicional de São Pedro. Três mulheres se ajoelharam rezando: «São Pedro, rogai por nós!» Imaginei quantas outras pessoas — imperadores, reis, papas, príncipes e incalculáveis milhões de fiéis comuns se haviam ajoelhado nesse mesmo local, em quase 2.000 anos, murmurando a mesma antiga oração: «*Sancte Petre ora pro nobis!*»

A uns 25 metros do Altar-Mor ficam as quatro possantes pilastras que sustentam a grande cúpula e são os mais pesados suportes de toda a igreja. Cada pilastra tem 70 metros de circunferência; são necessários uns 48 homens dando-se as mãos para circundar uma delas. Em cada pilastra há um nicho que guarda e oculta as principais relíquias de São Pedro. Diz-se que uma é madeira da Cruz; a segunda é o pano com que Verônica enxugou o suor do rosto de Jesus na Via Dolorosa; a terceira, a ponta da lança que O feriu na Cruz. O último nicho está vazio há vários anos, desde que o Papa Paulo VI enviou a quarta relíquia — a suposta cabeça de Santo André — de volta à Grécia.

Se bem que São Pedro seja um mosaico gigantesco de História, arte, lenda e doutrina, permanece como uma igreja ativa, dinâmica

* Célebre escultura seriamente danificada em maio passado, quando foi atacada a marteladas. O trabalho de restauração está sendo feito pelo Diretor-Geral dos Monumentos, Museus e Galerias Pontifícias, o professor brasileiro Dr. Deoclécio Redig de Campos.

no seu tempo. Vi um par de recém-casados andando de mãos dadas, ela ainda de vestido de noiva, ele ainda de terno escuro e severo, acompanhados pelo padre que os casara, todos se dirigindo ao Altar-Mor a fim de rezar, pedindo a São Pedro uma bênção especial para o seu casamento. E muitos pais acham que seu filho terá um bom começo de vida se for batizado neste lugar sagrado. Num domingo de verão podem realizar-se até 100 batizados, às vezes 10 de uma vez, para economizar tempo.

De mais ou menos uma e meia da tarde em diante, a grande basílica fica quase vazia, pois muitos visitantes estão almoçando. Eu, porém, tinha trazido alguns sanduíches e tomei o elevador para o terraço no alto do pórtico, um dos lugares mais encantadores de Roma. Daí, como de nenhum outro lugar próximo, tem-se uma visão esplêndida da grande cúpula. Os olhos sobem por ela, assombrados, da base em forma de «tambor» em que ela se assenta ao longo da vasta superfície curva até à cúpula em «lanterna». Depois, mais alto ainda, até a *Palla* (bola) que representa a Terra, e, ainda mais, até à reluzente cruz de bronze, com cinco metros de altura.

Comecei então a subir as centenas de degraus internos da cúpula, tomando muito cuidado pois a escada fica mais estreita e íngreme à medida que se sobe. Nunca, nos 15 anos que vivi aqui, tive uma tal vista de Roma. Porém, ainda mais

espetacular era a vista do interior da Cidade do Vaticano, de lugares raramente vistos pelo público em geral. Nunca sonhei que aqueles altos muros de pedra escondessem tanto espaço verde, tantos jardins e alamedas, repuxos, vilas encantadoras, e até uma grande área do que parecia uma floresta intocada. Às vezes vislumbra-se o Papa caminhando ali em baixo, à distância.

Depois de descer, fui para dentro de São Pedro, e quero mesmo dizer para dentro das próprias paredes, com um veterano *Sampietrino* como guia. Ele me levou pelos estreitos corredores secretos, mais de dois quilômetros deles dobrando e serpenteando para cima e para baixo, usados pelos *Sampietrini* durante o trabalho. Ele bateu de leve nas grandes massas de alvenaria de tijolos expostas aqui. «Os tijolos é que realmente mantêm São Pedro de pé, não o travertino que se vê de fora», explicou ele. «Bom tijolo, também, se bem que não seja tão bom quanto os que faziam no tempo de Nero. Aquele era o melhor.»

O Sol já quase se escondera quando voltei ao corpo principal da igreja. Na grande nave a luz diminuía rapidamente: eu já não podia divisar os detalhes das esculturas, das inscrições, dos mosaicos. Demorando-me para os últimos cultos do dia, fiquei nas sombras generosas enquanto os cantos e a música sublime me envolviam. E envolviam o rosto terno e resignado da Madonna da *Pietà* de Michelangelo e

subiam bem alto pela magnificência da sua cúpula fantástica, agora em sombras, onde as palavras latinas em mosaicos dourados proclamam: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja e a ti darei as chaves do Reino do Céu.»

Era hora de fechar, e fui o último a sair, os portões pesados retinindo ao se fecharem atrás de mim. Logo Vacchini veio ao meu encontro, e juntos caminhamos pela

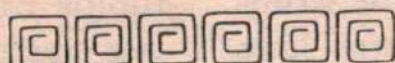
grande praça escura, quase vazia, paramos no seu centro e olhamos para trás, para o bloco incrível de São Pedro, agora um vasto contorno agigantando-se negro no céu romano. «Como tinham confiança neles próprios, naquele tempo!» disse ele brandamente, admirado. «Quem ousaria construir hoje uma igreja igual? Jamais, em parte alguma da Terra, haverá uma igreja remotamente parecida com esta!»



Idéia Produtiva

UMA FÁBRICA na Carolina do Norte patrocina no rádio um programa musical com anúncios muito originais: focaliza o trabalho dos seus melhores operários. Orgulhosos ouvindo as suas virtudes exaltadas em público, os operários atacaram suas tarefas com redobrado vigor, aumentando a produção da fábrica em 125 por cento.

— D. M.



Extramatéria

UM ESCRITOR de Nova York, querendo doar o seu corpo, depois de morto, para pesquisas científicas, escolheu a Universidade de Harvard como beneficiária — «porque meus pais sempre desejaram que eu fosse para lá, e só assim eu seria admitido».

— Time

DUKE HAZLETT fez quase toda sua carreira profissional como imitador de Frank Sinatra. Hazlett conta que, certa vez, estava quase se afogando, e «toda a vida de Sinatra passou num relance diante dos meus olhos»!

— B. K.

DEPOIS que uma velha muito avarenta morreu, parentes seus foram a uma sessão espírita. A certa altura, o médium disse: «Há uma velhinha que quer falar com as suas sobrinhas, que estão presentes.» E uma delas levantou-se e gritou: «Não aceite a comunicação, deve ser a cobrar!»

— K. C.